**Representação da criança no humor**

**Márcio Antônio Gatti**

As ciências humanas interessam-se pela infância há um bom tempo. Observada e analisada em diversos recortes, apresenta-se, dessa forma, como um objeto de estudo bastante profícuo. No que diz respeito ao modo como circulam e se constituem as imagens de criança pelos discursos, porém, pouco ou quase nada foi dito.

Aceitando a formulação de Maingueneau (1984) sobre *campo discursivo* e a hipótese de Possenti (2010) que considera o humor um campo, consideramos a representação da criança no campo discursivo do humor como nosso objeto de estudo. Em consequência disso, pretendemos analisar a circulação, no humor, de imagens de crianças, a fim de contribuir para a sustentação da hipótese geral do humor como campo discursivo, bem como observar como se dá a circulação dos estereótipos por este campo.

Sabe-se que os estereótipos circulam no humor de forma bastante grosseira, como típicas representações exageradas e pejorativas de grupos étnicos, sociais, de gênero, etc. Mas ao observar a representação de crianças, deparamo-nos com um aspecto bastante específico: as crianças são estereotipadas de diversas formas, caracteristicamente mais complexas que outros estereótipos que circulam pelo campo do humor.

Analisar as imagens estereotípicas da criança no humor permite observar primeiramente que os estereótipos não circulam da mesma forma por este campo, como poderia sugerir a análise de alguns materiais. Os estereótipos da criança não são propriamente de rebaixamento, ao contrário, são em alguma medida de identidade. Diferentemente de outros estereótipos do campo, aqueles da criança pouca ou quase nenhuma relação têm com o conceito de *simulacro*, conforme formulado por Maingueneau (1984).

Dessa maneira, pretendemos, ainda, dada a complexidade da representação da criança no humor, mas também a escassez de discussões teóricas sobre o estereótipo, contribuir para a teorização desse conceito no âmbito da Análise do Discurso. *A priori*, recusamos a vinculação pura e simples do estereótipo ao conceito de *pré-construído*, conforme pensada por Amossy e Herschberg-Pierrot (1997), dando a essa relação um caráter possível, mas nem sempre desejável. Da mesma maneira, relacionamos estereótipo ao conceito de *cena validada* (Maingueneau, 2006), já que assim como esta, é um saber “já instalado” no universo de saberes de uma comunidade discursiva. Podendo, assim, refinar o tratamento do estereótipo pela AD.